

Enfermeiros coordenadores de cursos de graduação em enfermagem: perfil profissional

RESUMO

Objetiva-se identificar o perfil dos enfermeiros coordenadores de Cursos de Graduação de Enfermagem do Estado de São Paulo e refletir sobre o papel exercido por estes. Trata-se de uma pesquisa exploratória realizada entre os meses de agosto e novembro de 2014 com 44 sujeitos por meio de um questionário. Os coordenadores de Cursos de Graduação em Enfermagem que participaram do estudo atuam majoritariamente em instituições privadas, são jovens mulheres, a maior parte com a pós-graduação stricto sensu, e poucas com preparo pedagógico. Do total, 54,5% possuíam tempo de coordenação de até 5 anos e 59,1% tem só um emprego. Conclui-se que este perfil possibilita identificar o retrato desses profissionais; pode ser uma via de sucesso para a solidificação da categoria e para intermediar a qualidade do curso que são responsáveis.

DESCRITORES: Enfermagem; Papel do Profissional de Enfermagem; Recursos Humanos de Enfermagem.

ABSTRACT

The aim is to identify the profile of nursing undergraduate coordinators of nursing in the State of São Paulo and reflect on the role exerted by these. This is an exploratory research conducted between the months of August and November 2014 with 44 subject by means of a questionnaire. The coordinators of undergraduate courses in nursing who participated in this study operate primarily in private institutions, are young women, most with graduate school in the strict sense, and a few with pedagogical preparation. Of the total, 54.5% had time to 5-year coordination and 59.1% have only one job. It is concluded that this profile makes it possible to identify the picture of these professionals; can be a success for the solidification of the category and to mediate the quality of the course that are responsible.

DESCRIPTORS: Nursing; Nurse's Role; Nursing Staff.

RESUMEN

El objetivo es identificar el perfil de enfermería coordinadores de licenciatura de enfermería en el estado de São Paulo y reflexionar sobre el papel ejercido por éstos. Se trata de una investigación exploratoria realizada entre los meses de agosto y noviembre de 2014 44 tema por medio de un cuestionario. Los coordinadores de cursos de licenciatura en enfermería que han participado en este estudio operan principalmente en instituciones privadas, son las mujeres jóvenes, la mayoría con posgrado en sentido estricto y unos pocos con preparación pedagógica. Del total, 54.5% tuvieron tiempo de coordinación de 5 años y 59.1% tienen un trabajo. Se concluye que este perfil hace posible identificar la imagen de estos profesionales; puede ser un éxito para la solidificación de la categoría y la calidad del curso que son responsables de mediar.

DESCRIPTORES: Enfermería; Rol de la Enfermera; Personal de Enfermería.

Valnice de Oliveira Nogueira

Enfermeira. Doutora em Ciências. Membro do grupo de Estudos e Pesquisas em Administração em Saúde e Gerenciamento de Enfermagem (GEPAG) da Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo (EPE/UNIFESP), SP, Brasil. Autor correspondente.

Isabel Cristina Kowal Olm Cunha

Enfermeira. Professora Associada, Livre-docente e Líder do GEPAG da EPE/UNIFESP, SP, Brasil.

INTRODUÇÃO

A progressão numérica do contingente de profissionais de enfermagem tem sido vertiginosa em um período de vinte anos no Brasil. Em

especial ao enfermeiro, uma das justificativas para esse crescimento foi a ampliação do acesso ao ensino superior em decorrência das políticas públicas educacionais no país. O número de Instituições de Ensino Super-

rior (IES) aumentou de 1859 em 2003 para 2391 em 2013(1).

Outro fato marcante que facilitou este aumento foi a mudança no modelo de oferta dos Cursos de Graduação em Enferma-

gem, que anteriormente era exclusivamente em horário integral e também passou a meio período e, desta forma, possibilitou que alunos trabalhadores pudessem cursá-lo, ou seja, o acesso ao ensino superior era facilitado sem qualquer discriminação.

Atrelado a isso, houve a oportunidade de novos postos de trabalho para o enfermeiro, notadamente como gestor de escola ou Curso de Graduação em Enfermagem. Possuem em seu cotidiano, atribuições que vão desde a articulação entre docentes e discentes à elaboração/revisão do Projeto Pedagógico de Curso, além do cumprimento de atividades burocrático-administrativas.

O aumento de quantitativo de cursos e, por conseguinte de seus coordenadores, fez emergir alguns questionamentos: Quem são os enfermeiros coordenadores de Cursos de Graduação de Enfermagem do Estado de São Paulo? Qual o tipo de formação esse profissional possui? Quais são as características da instituição de ensino a que pertencem? Quais reflexões são originadas a partir da sua prática? Este estudo teve como objetivos identificar o perfil dos enfermei-

ros coordenadores de Cursos de Graduação de Enfermagem do Estado de São Paulo e refletir sobre o papel exercido por estes.

METODOLOGIA

Pesquisa exploratória de abordagem quantitativa realizada no Estado de São Paulo com os enfermeiros coordenadores de Cursos de Graduação. Os critérios de inclusão adotados foram: que os participantes gerenciassem cursos presenciais, autorizados e em funcionamento. Foram excluídos da pesquisa os sujeitos que: coordenavam cursos na modalidade à distância, que se recusaram a participar, que não completaram o preenchimento total e correto do instrumento ou estavam impossibilitados em responder o questionário, seja pelo afastamento das atividades de coordenação, e por fim aqueles que não foi possível localizar o correio eletrônico.

O estudo foi iniciado no segundo semestre de 2014 por meio da aplicação de um questionário disponibilizado no aplicativo Google Docs[®]. Este possuía duas partes: uma que dizia respeito à caracterização

do respondente com 13 questões, e outra sobre os dados do curso com nove questões. A interpretação dos dados coletados foi feita pela estatística descritiva.

Quanto aos procedimentos éticos, a presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo (CEP/UNIFESP) sob o parecer n.º 1080/20111 e os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), respeitando a Resolução n.º 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que disserta sobre a pesquisa com seres humanos(2).

RESULTADOS

Das 142 escolas de Graduação em Enfermagem no Estado de São Paulo, de acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira-INEP(3), foi enviado por correio eletrônico o ICD para 102 escolas que atenderam aos critérios de inclusão. Assim, analisaram-se 44 coordenadores de 40 Cursos de Graduação. A Tabela 1 mostra a caracterização dos sujeitos por perfil profissional.

Tabela 1. Distribuição dos respondentes por perfil profissional, São Paulo, SP, Brasil, 2015.

	N	%
FAIXA ETÁRIA	44	100,0
Até 40 anos	14	31,8
41 a 50 anos	14	31,8
51 anos a 60 anos	13	29,5
Acima de 61 anos	03	6,9
SEXO	44	100,0
Feminino	37	84,1
Masculino	7	15,9
ESTADO CIVIL	44	100,0
Casado	34	77,3
Solteiro	7	15,9
Divorciado	3	6,8
ESPECIALIZAÇÃO	44	100,0
Não	2	4,5
Sim	42	95,5
MESTRADO	43	100,0
Não	6	14,0
Sim	37	86,0
Sem informação	1	

DOCTORADO	44	100,0
Não	22	50,0
Sim	22	50,0
EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL ANTERIOR - ENFERMEIRO ASSISTENCIAL	44	100,0
Não	6	13,6
Sim	38	86,4
EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL ANTERIOR - SUPERVISÃO DE ENFERMAGEM	44	100,0
Não	20	45,5
Sim	24	54,5
EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL ANTERIOR - GERÊNCIA DE ENFERMAGEM	44	100,0
Não	21	47,7
Sim	23	52,3
EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL ANTERIOR - NENHUM	44	100,0
Não	41	93,2
Sim	3	6,8
POSSUI FORMAÇÃO PEDAGÓGICA?	44	100,0
Não	27	
Sim	17	
POSSUI ATUALMENTE OUTRO VÍNCULO EMPREGATÍCIO CONCOMITANTE AO DE COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA?	44	100,0
Não	26	59,1
Sim	18	40,9
TEMPO NA INSTITUIÇÃO DE ENSINO	44	100,0
0 a 5 anos	10	22,7
6 a 10 anos	10	22,7
11 a 15 anos	17	38,6
16 anos e mais	7	15,9
TEMPO NO CARGO DE COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA	44	100,0
0 A 5 ANOS	24	54,5
6 A 10 ANOS	8	18,2
11 ANOS E MAIS	12	27,3
ATUALMENTE OCUPA CONCOMITANTEMENTE O CARGO DE COORDENADOR DE ESTÁGIOS?	44	100,0
Não	25	56,8
Sim	19	43,2

Fonte: dados da pesquisa.

Apesar de terem sido investigadas as titulações de Pós-graduação lato sensu, optou-se por não apresentá-las nesse estudo.

O levantamento de mestres e doutores decidiu-se apontar sem titulação àqueles que estão com o curso em andamento e que cor-

respondem em números absolutos 03 e 06 respondentes, respectivamente.

Tabela 2. Distribuição dos respondentes por tempo de titulação acadêmica, São Paulo, SP, Brasil, 2015.

TITULAÇÃO	MEDIA	MÍNIMO	MÁXIMO	DESVIO PADRÃO	MEDIANA	N
Graduado	22,5	6	48	10,7	25,5	44
Mestre	14,77	1	39	8,70	15	36
Doutor	10,52	1	32	6,86	11	23

Fonte: dados da pesquisa.

No que tange a interpretação das escolas, a Tabela 3 elucida os percentuais de destaque frente às variáveis estudadas.

Tabela 1. Distribuição dos respondentes por perfil profissional, São Paulo, SP, Brasil, 2015.

	N	%
TIPO DE INSTITUIÇÃO	44	100,0
Pública, Autarquia municipal, somente filantrópica	7	15,9
Privada	37	84,1
NÚMERO DE VAGAS AUTORIZADAS PELO MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA	44	100,0
Até 100	20	45,5
De 101 a 300	14	31,8
Acima de 301	10	22,7
NÚMERO DE ALUNOS MATRICULADOS	44	100,0
Até 100	34	25,0
De 101 a 200	6	13,6
De 201 a 300	10	22,7
De 301 a 400	17	38,6
NÚMERO DE TURMAS FORMADAS	44	100,0
Até 10	15	34,1
De 11 a 20	10	22,7
De 21 a 100	12	27,3
Acima de 100	7	15,9
NOTA NO ÚLTIMO ENADE	43	100,0
2	3	6,8
3	23	52,3
4	12	27,3
5	2	4,5
Sem avaliação (Ainda não saiu resultado, Não avaliado)	4	9,1

Fonte: dados da pesquisa.

DISCUSSÃO

Quanto aos sujeitos da pesquisa, o sexo predominante é o feminino e a distribuição por idade foi muito regular. Esses achados são comuns a estudos de diversas áreas do saber como se procede a caracterização da amostra(4,5).

Com relação ao aspecto profissional, nota-se que 95,5% dos respondentes já fizeram algum tipo de especialização, 86,0% realizaram mestrado e a metade, o doutorado. Destaca-se ainda que, apenas 38,6% possuem formação pedagógica. Observa-se uma discrepância nos resultados que falam sobre a formação pedagógica e a conclusão da Licenciatura em Enfermagem, posto que esta esteja contida na primeira.

Em termos de experiência profissional anterior, verifica-se que 86,4% já foram

enfermeiros assistenciais, e pouco mais de 50% já foram supervisores ou gerentes. Infere-se que a experiência em gestão do cuidado possa vir a contribuir em gestão em educação e que a experiência em assistência possa aproximar o planejamento de disciplinas e ações intra e extra institucionais.

Da prática profissional, 54,5% possui de 0 a 5 anos de tempo de cargo de Coordenação Pedagógica – porcentagem igual ao de 11 anos ou mais de tempo na instituição. Nota-se ainda que, pouco mais de 40% dos respondentes possuem outro vínculo empregatício concomitante ao de Coordenação Pedagógica ou ocupa concomitantemente o cargo de Coordenador de Estágios. O acúmulo de cargos em função da indefinição do papel do coordenador de curso frente aos documentos legais pode

interferir no processo de gestão em especial nas escolas privadas.

Há de se pensar que os cargos não são similares e sim complementares. A dupla jornada de trabalho é traduzida pela instabilidade que as IES privadas proporcionam aos docentes de modo geral. A dificuldade em manter o número de turmas em razão da instabilidade da efetivação de matrículas dos alunos a cada semestre, e a perda da confiança ao ocupar um cargo dessa natureza podem ser respostas aos achados numéricos desta pesquisa.

Ao que se refere a Tabela 2, o crescimento da Pós-graduação stricto sensu na área da enfermagem brasileira foi inversamente proporcional à Graduação. Em 1974, havia dois cursos de Mestrado em Enfermagem; em 1998, passou a 14; e no primeiro trimes-



Crédito: Projetado por Freepik

tre de 2015, havia 62 instituições de ensino com 45 Cursos de Pós-graduação modalidade Mestrado Acadêmico, 15 de Mestrado Profissional e 28 de Doutorado(6).

De acordo com a Tabela 3, nota-se que 84,1% dos respondentes atuam em instituições do setor privado. Verifica-se ainda que, 38,6% são de instituições com mais de 300 alunos matriculados. A Enfermagem representa o sexto curso dentre os mais procurados por universitários nas instituições de ensino superior privado no Brasil, em 2014 com 213.583 matrículas, 79.444 ingressantes e 36.607 concluintes(7).

Em termos de desempenho, 52,3% pertencem a instituições com nota 3 no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) do ano de 2013. Essa nota, que pode ser classificada como regular, garante a permanência do curso no mercado. O ENADE avalia o rendimento dos alunos dos Cursos de Graduação no Brasil, em relação aos conteúdos programáticos dos cursos em que estão matriculados.

As diretrizes e metas firmadas no Brasil pelo Plano Nacional de Educação (PNE) encontram-se alinhadas com a Declaração Mundial de Educação para Todos, de acordo com o que emana da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, promulgada em 1996. Dentre as cinco prioridades estabelecidas,

duas se fazem pertinentes com a temática deste artigo: a ampliação do atendimento nos demais níveis de ensino e a valorização dos profissionais da educação(8).

A Graduação se expandiu desordenadamente, em resposta às pressões da demanda por ensino superior e de grupos interessados em adquirir e/ou acumular um capital escolar, além do aumento das IES do setor privado(9,10), o que mostra um desequilíbrio em dimensões nacionais e microrregionais.

A escola privada foi responsável por viabilizar o acesso dos estudantes aos Cursos de Graduação de Enfermagem. Em 2003, das 10 maiores IES no Brasil na Graduação modelo presencial, três eram do estado de São Paulo, sendo duas privadas. No Censo do Ensino Superior de 2013, a relação de alunos de rede privada frente ao público no Estado foi de 5 para 1(1).

A repercussão desse aumento trouxe novos desafios para os enfermeiros que necessitam ocupar a direção destes cursos de enfermagem:

- O desafio mercadológico: face às ofertas de cursos de enfermagem, o coordenador necessita estar atento aos movimentos do mercado e às tendências do marketing e, que seja

possível capitanear alunos e sustentar a qualidade do ensino ofertada prevenindo a evasão, seja por razões curriculares, financeiras ou de outra origem.

- O desafio pedagógico: este está invariavelmente atrelado ao mercadológico, uma vez que o aluno ingressou na escola. Instituir estratégias educacionais que garantam o aprendizado e permanecer com resultados satisfatórios nas avaliações dos órgãos fiscalizadores darão o renome e a tradição do curso na IES.
- O desafio administrativo: envolve todas as funções administrativas para que seja possível atingir as metas estabelecidas em determinado período de tempo. Trabalhar com as instabilidades financeiras oriundas das políticas públicas do país, bem como em meio às inúmeras alternativas que os candidatos têm em suas mãos.

No entanto, há uma linha tênue entre o sucesso e o fracasso no cumprimento das questões legais, na concordância ou não das imposições institucionais e, muitas vezes, a estabilidade profissional é posta em risco. Essas facetas merecem um olhar diferenciado até por que não são raras.

A constatação do acelerado e desordenado crescimento de cursos e oferta de vagas de Graduação em Enfermagem sem o devido acompanhamento da sua qualidade suscita a necessidade de estudos sobre a temática(11) e, conseqüentemente, daqueles que os gerenciam. Pensando no tempo médio de atuação no cargo, infere-se que a dinâmica do trabalho é intensa e desgastante. Neste estudo, verificou-se que é em torno de 5 anos. Aos que permanecem no cargo por um longo período, pode ser atribuído pela vinculação em IES públicas.

Em muitas ocasiões, a coordenação de Cursos de Graduação é um segmento de trabalho solitário em que não se divide com os pares praticamente nada. Experiências positivas ou negativas não são compartilhadas na mesma proporção ao comparar-se

com um quadro de enfermeiros lotados nos serviços de saúde. Indubitavelmente, esse trabalho individual não agrega como equipe, todavia, engrandece de forma subjetiva ao profissional que exerce o cargo.

Conhecer como atuam os coordenadores de Cursos de Graduação no Brasil garante um recorte da enfermagem brasileira. O Estado de São Paulo contribui significativamente nessa interpretação, pois é considerado como referência no cenário do país e que pode gerar oportunidades de expansão da carreira para outros estados com diversas perspectivas – gerenciamento, consultoria e assessoria, além de contar como o maior montante de profissionais no país. Entendendo as inúmeras transformações que têm acontecido no mundo de trabalho em saúde, torna-se decisiva a construção de um perfil de competências para este profissional de saúde, em especial o enfermeiro, pois é fator primordial para a organização

dos serviços(12).

Identificar o perfil dos enfermeiros coordenadores de Cursos de Graduação de Enfermagem e reconhecê-los por meio desse estudo, em consonância com as análises oriundas de documentos oficiais, viabiliza a ampliação do horizonte para novas publicações científicas, o que pode ser um movimento deflagrador para a consolidação do seu fazer. A exemplo dessa afirmativa, autores(13,14) já descreveram o conhecimento das atribuições legais sob o ponto de vista dos documentos norteadores do ensino e do exercício de enfermagem e a análise das vivências das competências gerenciais, ideais e reais desses profissionais no cotidiano de trabalho.

E, para que se alcancem níveis de excelência, é preciso uma renovação constante de conhecimentos, acompanhando as necessidades do mundo moderno cheio de tecnologias e possibilidades aprendidas

desde a formação e que refletem no envolvimento pessoal do gestor em seu desenvolvimento contínuo(15,16,17).

CONCLUSÃO

Estabelecer análises comparativas entre as unidades federativas e aproveitar as diferenças para benfeitorias subjetivas e coletivas pode ser uma via de sucesso para a solidificação da categoria e dos cursos que os enfermeiros coordenadores são responsáveis. Tomar como referência para o aprofundamento dessas questões a partir da disseminação do perfil de competências pode ser articulador de ações institucionais na gestão de pessoas, tanto no processo de seleção de pessoal, na avaliação de desempenho, no processo de educação permanente e, sobretudo, pode ser um forte recurso para que o ensino de Graduação de Enfermagem seja realmente de qualidade e de forma equânime no território brasileiro ■

REFERÊNCIAS

1. Ministério da Educação (BR). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Ministério da Educação. Censo da Educação Superior, 2013.
2. Ministério da Saúde (BR). Conselho Nacional de Saúde, Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Resolução n.º 466 de 12 de dezembro de 2012: diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, DF, 2012.
3. Ministério da Educação (BR). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Relatório síntese 2013.
4. Meira MDD, Kurcgant P. Educação em enfermagem: avaliação da formação por egressos, empregadores e docentes. *Rev Bras Enferm.* 2016; 69(1):10-5.
5. Camelo SHH, Soares MI, Chaves LDP, Rocha FLR, Silva VLS. Enfermeiros gerentes de um hospital de ensino: formação profissional, responsabilidades e desafios. *Rev enferm UERJ.* 2016; 24(3):e11637.
6. Ministério da Educação (BR). Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Relação de Cursos Recomendados e Reconhecidos- Área de Enfermagem. Brasília, DF, 2017.
7. Sindicato das Mantenedoras de Ensino Superior (BR). Mapa do Ensino Superior no Brasil 2016.
8. Unesco. Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. Relatório de monitoramento de educação para todos Brasil 2008: educação para todos em 2015: alcançaremos a meta? Brasília (DF): Unesco; 2008
9. Chrizostimo MM, Brandão AAP. La formación profesional del enfermero: estado del arte. *Enfermería Global.* 2015; 14(4):430-445.
10. Barbera MC, Cecagno D, Seva AM, Siqueira HCH, López MJ, Maciá L. Formación académica do profissional de enfermagem e sua adequação às atividades de trabalho. *Rev. Latino-Am. Enferm.* 2015; 23(3):404-10.
11. Nogueira, VO. Competências do Enfermeiro Coordenador de Cursos de Graduação em Enfermagem: um estudo paulista. São Paulo. [Tese de Doutorado] – Escola Paulista de Enfermagem- Universidade Federal de São Paulo; 2015. 212p.
12. Montoro CH, Ferrândiz, ME, A Cambil MJ, Martínez OG, Serrano MG, Cañadas F, Guillermo A. Effects of an educational training program on health science students' research capacity. *Enfermería Global.* 2016; 15(4):141-50.
13. Nogueira VO, Cunha ICKO. Atribuições do coordenador de Curso de Graduação em Enfermagem frente aos aspectos legais no Brasil. Biblioteca Lascasas.
14. Seabra ALC, Paiva KCM, Luz TR. Managerial competences of coordinators of undergraduate nursing courses. *Rev Bras Enferm.* 2015; 68(5):608-16.
15. Soriano GP, Aquino MGB. Characteristics of a Good Clinical Teacher as Perceived by Nursing Students and Faculty Members in a Philippine University College of Nursing. *International Journal of Nursing Science.* 2017; 7(4):96-101.
16. Freitas MJBS, Parreira PMD. Dotação segura para a prática de enfermagem: operacionalidade do conceito e o seu impacto nos resultados. *Rev. Enf. Ref.* 2013; 10:171-178.
17. Ortega AP, Silva RP, Medina VR. Comunicación y coordinación en enfermería en una institución de salud de alta complejidad en Cartagena. *Av. enferm.* 2016; 34(1):19-29, 2016.